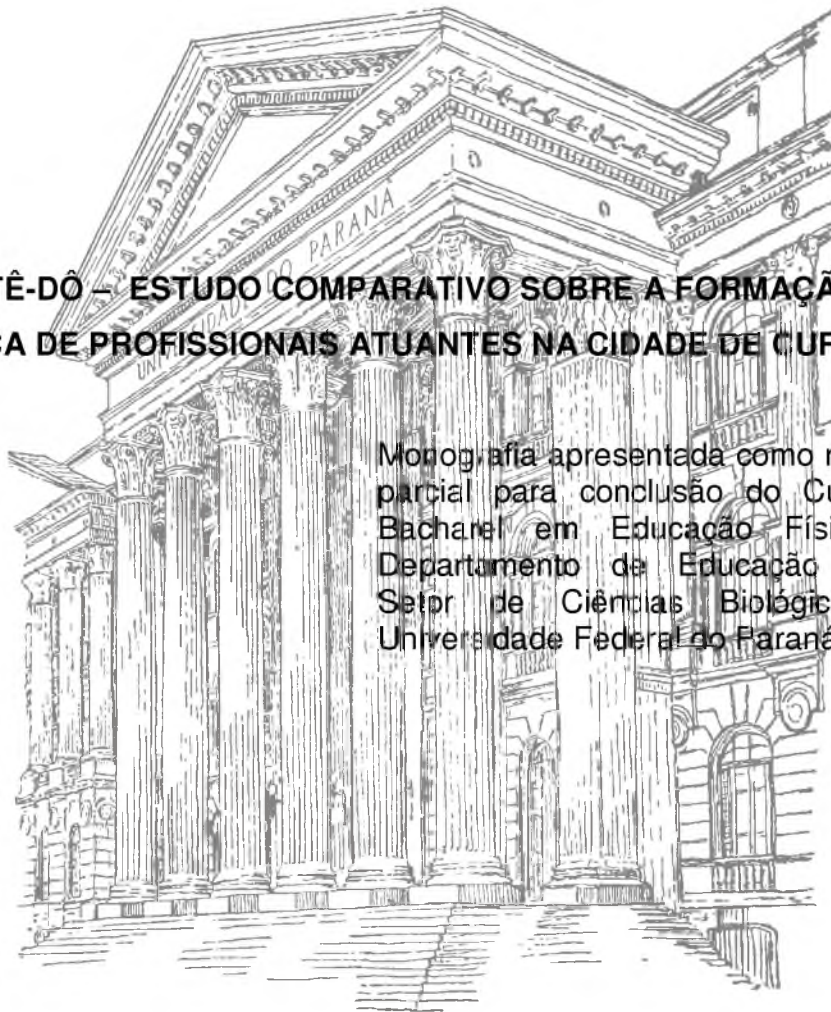


JOÃO GUILHERME BENDLIN

**KARATÊ-DÔ – ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A FORMAÇÃO
ACADÊMICA DE PROFISSIONAIS ATUANTES NA CIDADE DE CURITIBA**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2009

JOÃO GUILHERME BENDLIN

**KARATÊ-DÔ – ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A FORMAÇÃO
ACADÊMICA DE PROFISSIONAIS ATUANTES NA CIDADE DE CURITIBA**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

**Professor Orientador - SÉRGIO LUIZ
CARLOS DOS SANTOS**

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar este trabalho de conclusão de curso primeiramente aos que participaram na elaboração do mesmo.

Também gostaria de dedicá-lo a todos os praticantes e estudiosos das artes marciais, em especial do Karatê-Dô.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao meu Sensei Edson Capinski, o qual me iniciou e guiou no Dô (caminho) das Artes Marciais, e que me norteia até hoje sobre qual direção é a mais certa a seguir em vários aspectos de minha vida pessoal, profissional e espiritual. Sem ele esse trabalho não seria possível de ser realizado.

Também gostaria de agradecer à minha família, onde encontro sempre uma sustentação para superar obstáculos e enfrentar desafios proporcionados pela vida, com o apoio emocional dos que me são queridos.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a minha mãe, Lilian, pela educação que me proporcionou, e que sempre esteve ao meu lado, mesmo quando minhas decisões eram as menos prováveis de dar certo.

Agradeço também ao meu pai, João Luiz, que apesar das diferenças de opinião e da distância, nunca deixou de ser uma das pessoas que mais valorizo.

Por fim, gostaria de agradecer à minha namorada Natalia, pela ajuda e paciência durante toda a elaboração do trabalho e também a todos os que me ajudaram em algum momento no meu crescimento como praticante do karatê, entre eles: Sensei Aldo Lubes, Sensei Daniel Lubes, Sensei Gilmarcos de Bastos, Sensei Luís Fernando Alves, Sensei Osmar Zambone, Sensei João Carlim, e todos mais que já participaram de minha vida esportiva e marcial.

OSS !!!

O vigor físico é bom, o vigor intelectual é melhor ainda,
mas, muito acima de ambos, está o vigor do caráter.

Theodore Roosevelt

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| RESUMO | 7 |
| ABSTRACT | 8 |
| 1.0 INTRODUÇÃO | 9 |
| 1.1 OBJETIVOS..... | 10 |
| 2.0 REVISÃO DE LITERATURA | 12 |
| 2.1 A HISTÓRIA DO KARATÊ-DÔ | 12 |
| 2.1.1 A ilha de Okinawa | 12 |
| 2.1.2 O karatê no Japão | 13 |
| 2.1.3 O mestre Gichin Funakoshi e o estilo Shotokan | 14 |
| 2.2 O INÍCIO DO KARATÊ NO BRASIL | 16 |
| 2.3 O INÍCIO DO KARATÊ NO PARANÀ | 17 |
| 2.4 A ESTRUTURAÇÃO ATUAL DO KARATÊ NO BRASIL..... | 18 |
| 3.0 METODOLOGIA | 20 |
| 3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA | 20 |
| 3.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS | 20 |
| 3.3 ANÁLISE QUALITATIVA DAS ENTREVISTAS | 21 |
| 4.0 DISCUSSÃO SOBRE AS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS | 23 |
| 4.1 PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO KARATÊ..... | 27 |
| 5.0 CONCLUSÃO | 30 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 31 |
| ANEXOS | 33 |

RESUMO

KARATÊ-DÔ – ESTUDO COMPARATIVO SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA DE PROFISSIONAIS ATUANTES NA CIDADE DE CURITIBA

O Karatê-dô representa uma arte milenar que não é simplesmente uma modalidade de luta sem armas, mas também um caminho de autoconhecimento, aperfeiçoamento do caráter e crescimento pessoal. Este trabalho consiste, primeiramente, em uma análise histórica da origem e da forma de transmissão de conhecimento praticada na modalidade desde sua fundamentação. Posteriormente, foi feita uma análise, através de entrevista estruturada, dos professores mais influentes na cidade de Curitiba, buscando conseguir informações sobre sua formação e opiniões a respeito da atuação do profissional da educação física nas artes marciais. Com base nas respostas obtidas, é proposta uma nova idéia de metodologia de ensino do karatê, com o objetivo de otimizar o nível físico, técnico e competitivo dos praticantes.

Palavras Chave: *Karatê, Formação acadêmica, Metodologia*

ABSTRACT

**KARATE-DO – COMPARATIVE STUDY ON THE ACADEMIC DEGREE
OF PROFESSIONALS WORKING IN THE CITY OF CURITIBA**

The Karate-do represents a millenary art that is not simply a modality of a weaponless art of fight, but also, it is a path of self-knowledge, character improvement and personal growth. This work consists, first of all, in a historical analysis of the origins and ways of knowledge transmission used in the modality since its foundation. Later, it was made an analysis, through structured interview, of the most influential teachers of the city of Curitiba, searching for an information achievement about their formation and opinions concerning the physical educator's performance over the martial arts. Based on the obtained answers, it is proposed a new idea of a karate teaching method, in order to optimize the physical, technical and competitive practitioner's level.

Keywords: *Karate, Academic degree, Methodology*

1.0 INTRODUÇÃO

“Karatê”, etimologicamente, é uma palavra japonesa que tem como significado "mãos vazias". Isto porque um karateka (praticante de karatê) utiliza, durante sua prática, suas armas naturais, como: visão, mãos, braços, corpo, pés e cérebro.

É uma arte altamente técnica, que faz o mais eficaz uso de todas as partes do corpo com finalidades defensivas. O objetivo maior do karatê é o aperfeiçoamento do caráter de seus praticantes, disciplinando o corpo e a mente através de treinamentos físicos e técnicos.

Além de ser uma forma de defesa pessoal, o karatê constitui uma excelente forma de exercício físico. Desenvolve a força, a velocidade, a coordenação e é indicado para efeitos de valor terapêutico.

Para melhor compreensão do trabalho, é necessário entender que, desde seu surgimento, a maioria das informações e dos conhecimentos obtidos nas Artes Marciais é proveniente da relação sensei-seito (professor-aluno), transmitida sempre com alguma característica pessoal daquele que ensina, o que fez com que ao longo dos tempos, mudanças tenham ocorrido na maneira com que a arte é vista.

Por ser acadêmico de Educação Física, praticante e professor de karatê, julguei interessante estudar e pesquisar sobre como o ensino desta arte tem sido praticado entre os professores da cidade de Curitiba.

Durante meus quinze anos de prática, pude observar que a maioria dos instrutores pelos quais fui treinado, não possuía conhecimentos científicos, relacionados ao treinamento desportivo, que pudessem servir de embasamento para suas aulas, e, ao ingressar no curso de Educação Física, percebi o quanto esses conhecimentos poderiam fazer diferença na qualidade de um professor.

Agora que estou concluindo minha passagem pela Universidade, decidi fazer um mapeamento dos principais professores de Curitiba (filiação à Federação Paranaense de Karatê), para saber exatamente quais as proporções atingidas por essa provável falta de conhecimentos científicos por parte dos professores.

Embora o treinamento do karatê possua uma sistematização tradicional há décadas, a possível observação de uma falta de conhecimentos sobre o

treinamento desportivo por parte dos professores, pode estar fazendo com que o nível técnico e de preparação física dos praticantes não cresça, pois não há evolução nas metodologias.

Justamente por isso, procuro neste trabalho conciliar a formação obtida na universidade, com meus conhecimentos específicos de karatê.

O karatê é uma arte que tem como característica o seu ensino dogmático, realizado, em geral, de uma forma empírica por parte dos instrutores. Devido ao fato de que um grande percentual deles não possui nenhuma formação acadêmica, muito menos na área da Educação Física, estes podem acabar utilizando em suas aulas as mesmas metodologias que aprenderam com seus mestres.

Nosso problema será constituído na identificação das principais diferenças na formatação das aulas entre professores de karatê que possuem formação acadêmica em Educação Física e os que não possuem tal formação, e, então propor uma nova idéia de metodologia para associarmos os conhecimentos produzidos no campo da Educação Física, à milenar arte do Karatê.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Geral

- Verificar se existem diferenças na estruturação geral das aulas entre professores de karatê da cidade de Curitiba graduados e não-graduados em Educação Física.

1.1.2 Específicos

- Verificar se existem diferenças entre as aulas dos professores graduados e não-graduados em Educação Física nos quesitos preparação física dos alunos e programação prévia de treinamentos (periodização).

- Elaborar uma nova idéia de metodologia de ensino para o karatê, sem desvirtuar da tradicional, porém englobando conceitos adquiridos na graduação em Educação Física.

2.0 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 HISTÓRIA DO KARATÊ-DÔ

O Karatê-Dô praticado atualmente é uma arte marcial fundamentada na ilha de Okinawa, por volta do final do século XIX, mas as suas reais origens são muito mais antigas. Segundo NAKAYAMA (1966 p. 14) praticamente todas as fontes consistem no fato de que, no século V, um monge indiano chamado Bodhidharma viajou rumo à China para ensinar os princípios do budismo aos monges chineses, no templo de Shao-Lin-Su, onde pode-se observar a primeira confirmação da idéia da transmissão informal do conhecimento entre um professor e seus alunos.

Ao observar a fraqueza física dos monges, Bodhidharma, então lhes ensinou uma série de 18 movimentos que lhes permitiria fortalecer seus corpos e a sua força de vontade. Esses movimentos derivavam das artes de luta provenientes da Índia e tiveram sua origem no estudo dos movimentos dos animais. Assim surgiu o que se chamou de o “boxe dos monges”, ou “boxe chinês”(GOMES SOARES, 1998).

Depois da morte de Bodhidharma, seus discípulos se dispersaram por toda a China.

Nas décadas seguintes, essas séries de movimentos foram estudadas, complementadas e testadas por vários mestres chineses até se converterem no chamado Kempo Shaolin (chamado também de “Quan fa” ou o famoso “Kung-fu”), o qual foi difundido por toda a China a partir do século XIII.

2.1.1 A ilha de Okinawa

Ao longo da história, a ilha de Okinawa, situada no arquipélago de Ryu-Kyu, foi ambicionada tanto pelo império chinês quanto pelo império japonês. Por conta desse fator histórico, havia um constante fluxo financeiro e cultural entre a China e Okinawa, assim como com outras regiões da Ásia.

Devido ao domínio dos samurais da província de Satsuma, em 1609, os okinawenses foram proibidos de portar e usar qualquer tipo de arma ou

aprender métodos de luta. Com o objetivo de se defender dos invasores, o povo da ilha passou a desenvolver uma arte de luta em que não se utilizava armas, que era chamada simplesmente Te (“mão” em japonês) ou Okinawa-te (“mão de Okinawa”). Desenvolveram também outra arte de luta, chamada Kobudo, que utilizava instrumentos de lavoura, pesca e outras ferramentas do cotidiano.

Devido ao fluxo intercultural entre a ilha de Okinawa e a China, o Okinawa-te foi acrescido por outra arte marcial muito mais desenvolvida, o Kempo chinês. Desta forma tal modalidade passou por uma série de transformações e passou a ser chamada de “To-Te”. O vocábulo “To” simbolizava a dinastia Tang, da China, passando posteriormente a simbolizar a própria China. O significado de “To-Te”, portanto, era “mão chinesa” devido à alta influência que o Kempo chinês exercia sobre a arte do Okinawa-te.

2.1.2 O karatê no Japão

O karatê chegou ao Japão por volta de 1922, e sofreu algumas modificações. Como foi dito anteriormente, o significado do ideograma (símbolo da escrita japonesa) “To”, ou “Kara” significava “Chinesa”, e, como o Japão e a China haviam entrado em guerra muitas vezes ao longo da história, os japoneses não iriam aceitar essa arte no seu país, pelo fato de o nome fazer referência à China.

Não existia, até então, um método de ensino formal e fundamentado, sendo as técnicas ensinadas por cada mestre totalmente segundo o seu gosto particular. Não havia ainda um uniforme (gui), como os nas outras artes marciais japonesas. Tudo isso precisou ser mudado para que esta arte okinawense pudesse ser aceita pela sociedade e pela cultura japonesa.

Os ideogramas japoneses (kanjiis) podem ser lidos e interpretados de duas formas distintas: segundo o seu significado (“kun”) ou segundo a sua pronúncia (“un”). Há outro ideograma com a mesma pronúncia “Kara” do karatê, mas com outro significado diferente de “chinesa”. Este outro ideograma é proveniente do termo “Sunya” do sânscrito que significa “zero”, “vazio”, e é muito usado na tradição Zen-Budista.

Muitos dos mestres que queriam introduzir o Karatê-Jutsu no Japão decidiram adotar este outro símbolo e também trocar a expressão “jutsu” (técnica ou arte) por “dô”, que deriva da palavra chinesa “tao” (via, caminho). Este nome pareceu, então, apropriado já que descreve uma arte de luta sem armas.

A próxima etapa foi a adoção do karatê-gui, que servia como um uniforme igual para todos, branco, e o sistema de faixas e graduações de Kyus (faixas coloridas, da branca até a marrom) e Dans (do 1º ao 10º grau para os faixas pretas), similar ao que era usado no Judô.

No ano de 1933, o Dai Nippon Butokukai, órgão japonês até então encarregado das artes marciais, reconheceu oficialmente o Karatê-Dô como arte marcial.

2.1.3 O mestre Gichin Funakoshi e o estilo Shotokan

A história do estilo Shotokan e do karatê moderno começou em 1917 quando o mestre Funakoshi demonstrou, pela primeira vez no Japão, no Butokuden, em Quioto, a arte do que ele havia aprendido em Okinawa. A apresentação foi um sucesso, o que o levou a receber vários convites para ministrar aulas e apresentações, vindos inclusive de Jigoro Kano, criador do Judô.

No ano de 1922, o Mestre Funakoshi escreve um livro intitulado *Ryukyu Kenpo Karatê (O karatê, boxe de Okinawa)*, e, em 1924, outro intitulado *Rentan Goshin Karatê Jutsu (Reforço energético e de autodefesa através das técnicas do karatê)* (LUBES, 1991).

Em ambos os livros os caracteres para escrever a palavra karatê ainda significavam 'mão da China'. É a partir de 1930 que substitui o caracter *kara* ('China', 'Tang') por *kara* ('vazio'). Após esta transformação, junta o sufixo *do* ('caminho') a karatê.

Em 1935 publica a sua obra principal, *Karatê-dô Kyohan* (Texto de ensino do karatê).

Embora possuindo já muitos alunos e muitas classes nas principais universidades de Tóquio, só em 1938 é que tem o seu primeiro dojo, a que dá

o nome de Shotokan – *shoto* ('sussurrar dos pinheiros') e *kan* ('casa', 'local de treino').

“*Shoto*” foi o pseudônimo por ele adaptado como poeta. Assinava os seus poemas com esse nome em memória e homenagem à sua terra natal que era coberta por florestas de pinheiros. Ao escolher “*Shoto*” como nome para o seu dojo de karatê, ele quer transportar ainda essa imagem do sussurrar dos pinheiros ao caminho que segue no karatê (NAKAYAMA, 1966).

Posteriormente, o nome utilizado por Funakoshi em seu primeiro Dojô acaba por virar o nome do Estilo por ele fundamentado.



Imagem 1 - Gichin Funakoshi

2.2 O INÍCIO DO KARATÊ NO BRASIL

Da mesma forma que o Judô, o karatê foi introduzido no Brasil com a chegada dos imigrantes japoneses, instalando-se primeiramente no Estado de São Paulo. Por conta desse fator, São Paulo transformou-se no estado pioneiro do karatê nacional. Afora o litoral e a capital paulista, o karatê se estabeleceu através das colônias japonesas nas cidades de Bastos, Biguá, Maria e Graça e Pedro de Toledo.

Com o decorrer dos anos, os imigrantes japoneses passaram a ensinar, de maneira informal, a arte da “mão vazia” aos jovens de origem japonesa e a alguns poucos brasileiros interessados.

Em 1955, somente, sob a responsabilidade do Mestre Mitsusuke Harada, houve a organização oficial da primeira academia de karatê, localizada na Rua Quintino Bocaiúva, 255, no centro de São Paulo capital.

Mitsusuke Harada nasceu na região da Manchúria, em 1928. Quinze anos depois, em 1943, passou a estudar karatê no Dojo Shotokan, com o Mestre Gichin Funakoshi, de quem, posteriormente, recebeu diretamente o seu 5º Dan. Após cursar o curso de Economia e Comércio na admirável Universidade de Waseda, Harada chegou ao Brasil com o intuito de trabalhar em um banco japonês. Não obstante, não se desligou do karatê.

Ulteriormente, encarregou-se definitivamente do exercício de ensinar karatê profissionalmente. A convite do Mestre Ohshima, deixou o Brasil no ano de 1963, partindo para a França. Devido a problemas com a permissão para permanência em território francês, no entanto, Harada decidiu-se por ir à Grã-Bretanha, onde se estabeleceu definitivamente. Desta forma, deixou seu legado a outro mestre, também japonês, chamado Mestre Akamine.

Inicialmente, Mestre Akamine ensinava seus alunos em sua casa, situada na Rua Oriente no bairro do Brás, e em um clube no Bairro da Vila Prudente, conhecido como Clube Santos.

A presença dos dois Mestres, Harada e Akamine, em território brasileiro serviu de incentivo para que outros professores fundassem suas próprias academias.

Os primeiros faixas formados no Brasil foram fundamentais na consolidação da arte do karatê no país. Dentre eles estão: Ailton M. Menezes,

Benedito Nelson Augusto Santos, Claudio Trigo, Fernando Pessoa, Júlio Takuo Arai, Lirton Monassa, Milton Osaka, Oswaldo Duncan, Raimundo Bastos, William Felipe, Yasuyuki Sasaki.

Como conseqüência do desenvolvimento do karatê na sociedade paulista, em 13 de setembro de 1974 foi fundada a Federação Paulista de Karatê.

Desta forma, os outros estados da Federação passaram a se organizar para formar entidades oficiais, objetivando assim, a criação de uma regulamentação do karatê de caráter nacional.

2.3 O INÍCIO DO KARATÊ NO ESTADO DO PARANÁ

A iniciativa do professor Juichi Sagara em persuadir o professor Aldo Lubes a filiar-se à Federação Paranaense de Pugilismo (entidade responsável, na época, por todas as modalidades de luta, inclusive o karatê) foi o estopim para a fundação da Federação Paranaense de Karatê.

O professor Aldo Lubes era e é, até o presente momento, o responsável pelo Dojô Kodokan – “Força e Persistência”, filiado anteriormente à Federação Paranaense de Pugilismo. Em 1971 assumiu o departamento especial de karatê da Federação, e em 2 de setembro do ano seguinte, com a contribuição do presidente Nereu Silva, o 1º Campeonato Paranaense de Karatê foi realizado. O campeonato contou com as Associações de:

- Maringá (Maringaense de karatê - prof. Aldenor Castro)
- Londrina (Londrinense de karatê - prof. Norio Haritani)
- Curitiba (Kodokan - Força e Persistência - prof. Aldo Lubes).

Estiveram presentes nesse 1o. Campeonato, realizado em Curitiba, os professores: Juichi Sagara (SP), Yastaka Tanaka e Sadamu Uriu (RJ).

A Federação Paranaense de Karatê foi oficializada pelo Ministério da Educação e Cultura em 14 de maio de 1984, registrando assim a fundação oficial da entidade, que data as suas atividades desde 1972.

Em 11 de setembro de 1987, na cidade do Rio de Janeiro, foi fundada a Confederação Brasileira de Karatê, reconhecida pelo MEC através da portaria nº. 551/87.

2.4 A ESTRUTURAÇÃO ATUAL DO KARATÊ NO BRASIL

No Brasil a Entidade Nacional de Administração da modalidade é a Confederação Brasileira de Karatê – CBK – (representante de 26 Federações estaduais), que está filiada a World Karate Federation – WKF – e vinculada ao Comitê Olímpico Brasileiro – COB – além de reconhecida, como foi citado anteriormente, através da Portaria nº 551 do Ministério da Educação (10/11/1987), como entidade de direção nacional da modalidade, com competência na área do desporto de sua própria denominação.

Hoje em dia a Confederação Brasileira de Karatê responde a duas entidades superiores, que são:

- PANAMERICAN KARATE FEDERATION – Presidente : Mr. William Millerson
- WORLD KARATE FEDERATION – Presidente : Antonios Espinos

Quanto aos membros que fazem parte de sua diretoria, no momento não é possível se obter esta informação, pois as eleições aconteceram em 19 de janeiro de 2009, elegendo Edgar Ferraz e Luís Carlos Cardoso (Presidente e Vice, respectivamente). Entretanto, tais eleições contrariaram o disposto nos estatutos da Entidade que preconizam que as eleições devem acontecer no domicílio da Sede da CBK, que se localiza em São Paulo, e esta foi realizada no Ceará.

Descontente, um grupo encabeçado pela Federação Candanga de Karatê entrou com pedido judicial de impugnação na data das eleições. Decorrido o ano e após vários recursos por parte do Sr. Edgar Ferraz, no início desse mês (novembro/2009) o Poder Judiciário do Estado de São Paulo cancelou as eleições que aconteceram em Janeiro e ordenou ao Sr. Edgar que publicasse novo edital convocando eleições ainda para esse ano. Dessa forma,

hoje a Confederação Brasileira de Karatê tem na figura do Sr. Edgar uma figura “tolerada” pela justiça brasileira como responsável pela entidade na missão de convocar novas eleições ainda no ano de 2009, porém sem o poder de fato.

É importante frisar que o Estatuto da Confederação Brasileira de Karatê regulamenta que as eleições realizadas pela entidade definem apenas o nome dos cargos de PRESIDENTE e VICE-PRESIDENTE, sendo todos os outros preenchidos conforme nomeação do Presidente eleito em Assembléia.

3.0 METODOLOGIA

O caráter utilizado para o estudo foi o descritivo, utilizando de metodologia qualitativa (THOMAS; NELSON, 2002), e foi executada durante o ano de 2009. As entrevistas foram realizadas no mês de novembro, e os professores contactados através da Federação Paranaense de Karatê.

A entrevista foi feita no local dos treinamentos de cada professor, tendo sido previamente agendada.

A aplicação do questionário se deu em forma de entrevista estruturada, seguindo sempre a mesma ordem das questões e com um tempo livre para a resposta. As respostas foram todas gravadas e posteriormente transcritas "*Ipsis litteris*".

As perguntas realizadas nas entrevistas foram elaboradas pelo formando, em conjunto com o orientador, tendo como objetivo avaliar a formação do professor, a quantidade de alunos influenciados pelo mesmo, a estruturação de suas aulas, assim como a sua opinião sobre os conhecimentos da área da Educação Física e do karatê.

3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população escolhida para o estudo foi a de professores de karatê filiados à Federação Paranaense de Karatê, atuantes na cidade de Curitiba.

A amostra foi determinada de uma forma não-aleatória, objetivando respostas de profissionais licenciados em Educação Física e de instrutores sem formação acadêmica na área. Também adotamos como critério escolher esses profissionais segundo o número de alunos de cada um, buscando os quatro professores com maior número de alunos da cidade de Curitiba.

3.2 – INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

O instrumento utilizado para a entrevista foi uma entrevista estruturada, elaborada pelo pesquisador e pelo orientador.

Para chegar a amostra desejada, a Federação Paranaense de Karatê forneceu o cadastro dos professores da cidade de Curitiba que são filiados à

entidade. Foi realizado contato telefônico com os professores em questão, para verificar a variável número de alunos, que seria determinante para a delimitação da amostra e realização dos estudos, atendendo o objetivo de adquirir informação dos professores que influenciam um maior número de pessoas em suas aulas.

Feito isso, foi agendado com todos um encontro em seus respectivos locais de treinamentos, pois seria onde poderíamos comprovar se o número de alunos declarado no contato telefônico realmente condizia com a realidade, e então não seria necessário o contato com outro professor.

O questionário foi composto por um cabeçalho com informações básicas para uma melhor caracterização da amostra, seguido por dez perguntas abertas, a fim de obter informações sem influenciar o entrevistado.

O cabeçalho e as primeiras cinco questões tinham como objetivo analisar o professor com relação a sua história no karatê e sua formação acadêmica, bem como a quantidade de alunos influenciados pelo mesmo.

As próximas três questões tinham como objetivo analisar se o professor detinha conhecimentos nos quesitos relacionados às atividades físicas, tais como benefícios, aquecimento, preparação física e periodização.

Por fim, as últimas duas questões tinham como objetivo identificar qual a opinião dos professores sobre a importância da educação física e de seus profissionais inseridos na prática do karatê.

As entrevistas foram gravadas em um gravador de voz Sony, modelo ux-70, cedido pelo professor de karatê do pesquisador.

Posteriormente, as respostas obtidas foram transcritas (exatamente como gravadas) para uma melhor visualização das respostas, a fim de analisar qualitativamente os dados obtidos.

3.3 ANÁLISE QUALITATIVA DAS ENTREVISTAS

Segundo SANTOS (1999, p. 336), a divisão dos avaliados em categorias facilita a compreensão das respostas obtidas em análises qualitativas. Tendo isso como base, para analisar as respostas dos professores utilizou-se como primeiro passo a criação de duas macro-categorias para dividir os analisados: graduados e não-graduados.

A análise foi realizada mediante estudo comparativo entre as respostas dos professores formados e não-formados, procurando verificar se existe uma diferença na estruturação das aulas devido à formação acadêmica em Educação Física por parte de dois dos professores.

Primeiramente foi analisada a formação de cada professor dentro do universo do karatê, para verificar se existe a coincidência de escolas de formação na modalidade, o que os levaria a trabalhar de forma teoricamente semelhante, devido ao fato citado anteriormente do conhecimento do karatê ser muito transmitido na relação professor-aluno.

Em seguida, foi verificado quais são os professores com formação acadêmica em Educação Física, para poder delimitar os dois grupos de estudo.

Após realizada a divisão das duas categorias (graduados e não-graduados), analisou-se as respostas referentes às perguntas mais direcionadas ao ramo do treinamento desportivo, a fim de identificar as diferenças entre os dois grupos.

Por último, confrontar-se-ão as opiniões dos dois grupos de professores, referentes ao profissional de Educação Física e ao conhecimento proporcionado pela área, quando aplicados ao karatê.

4.0 DISCUSSÃO SOBRE AS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

Como comentado anteriormente, partimos do princípio de que o ensino do karatê, desde seus primórdios, é realizado de forma empírica, sem muitos princípios científicos, o que pode causar uma série de consequências a seus praticantes.

Podemos observar nas respostas dos entrevistados não-graduados, quase todo o conhecimento que eles possuem são provenientes de seus professores, que também não possuíam a formação específica na área da Educação Física, com exceção de um dos professores dos entrevistados. Na pergunta número quatro, podemos perceber que ambos citam seus professores como responsáveis por terem transmitido boa parte dos conhecimentos que possuem hoje em dia.

“R - Laertes Bufrem Pessoa, que foi quem me influenciou muito no meu conteúdo. Hiroshi Taúra, Oswaldo Yastaka Massaki, Michizo Buyo e Reinaldo Silva, que foi determinante para minha formação como faixa-preta.”

“R – Comecei com o professor Silvério, que me introduziu no caminho do karatê, me passando boa parte do karatê voltado à luta que sei hoje. Porém, quando o meu professor resolveu sair da Federação Paranaense eu resolvi ficar na entidade, me tornando um professor independente por um tempo, até encontrar meu atual professor Aldo Lubes, que foi quem me transmitiu mais conhecimento e me fez o lado do karatê que eu até então não tinha visto.”

Com relação à opinião dos entrevistados não-graduados sobre a questão do profissional de educação física se inserir no ramo das artes marciais, observamos que existe uma certa priorização da experiência do profissional na modalidade em questão. Podemos observar isso claramente com a resposta de um dos entrevistados, que diz:

“... desde que tenha uma larga experiência em uma arte marcial. O profissional que nunca fez karatê, que tenha uma experiência pequena, ele

pode até ajudar o professor para acrescentar na qualidade da aula, mas se ele não possuir uma experiência maior como karateca, ele não conseguirá entrar no mercado...”

Em contrapartida, observamos que um dos entrevistados graduados responde à mesma pergunta com o seguinte discurso:

“É fundamental (a ação dos profissionais de Educação Física nas artes marciais). Na arte marcial, se reúnem varias faixas etárias na mesma aula, e se o professor não tem uma formação mais científica, pode causar lesão em alunos de idades diferentes. Sem essa formação, não tem como saber como os organismos podem funcionar de formas diferentes, dependendo do sexo, da idade, etc.”

Podemos observar, porém, que, por outro lado, não existe um “fechamento” por parte dos professores não-graduados ao profissional de educação física, pois todos se demonstraram abertos a uma boa conciliação de alguém que entenda da parte de preparação física (que não necessariamente seria um professor de karatê, e sim um graduado em Educação Física), com alguém que entenda da parte técnica. Isso pode ser claramente observado na resposta da questão número nove, onde eles dizem:

“Eu acredito muito na atuação do profissional de educação física, ele realmente pode fazer muita diferença no treinamento dos alunos, mas desde que tenha uma larga experiência em uma arte marcial...”

O outro entrevistado ainda incentiva a procura à graduação específica:

“...uma vez que não possuo formação na área, procuro incentivar alunos que demonstram interesse em tornar-se instrutores a cursarem Educação Física. Desta forma, me cerco de alunos acadêmicos e graduados com os quais freqüentemente troco minha experiência prática pela acadêmica.”

Outro fator observado nas respostas é a total predominância da valorização do lado espiritual da prática do karatê. Todos os entrevistados colocam como o ponto mais importante da prática desta arte marcial a formação do caráter, o auto-controle, ou algum outro fator relacionado ao lado psicológico, e não o fator físico, mesmo que tenham aprendido isso somente

anos de prática, o que pode ser observado nas quatro respostas dos quatro candidatos:

“6- Na sua opinião, qual o maior benefício proporcionado pela prática do Karatê?”

“R – Na minha opinião, o maior benefício do karatê é a parte filosófica. No físico, podemos encontrar benefícios em outras modalidades, e o karatê oferece esse equilíbrio. Estando com a mente boa, você consegue os benefícios físicos. Mente e corpo trabalhando junto. Porém, isso é o que eu penso hoje em dia, quando eu comecei no karatê, minha maior motivação era a parte da luta, competições.”

“R - Melhoria na qualidade de vida e a questão filosófica que está por trás de toda arte marcial.”

“R – A disciplina e toda a parte filosófica do karatê.”

“R – Independente da saúde que qualquer atividade física proporciona, o maior benefício é a parte filosófica da arte marcial, o Dô. Mas esse Dô eu descobri depois de muito tempo, no começo me interessava somente pela parte competitiva.”

Isso evidencia uma característica peculiar às artes marciais, pois além de todo o benefício de qualidade de vida resultado na parte física de seus praticantes, as artes marciais proporcionam algo que não é praticado em outros tipos de esporte, tais como a disciplina, o respeito, a hierarquia, e a contenção do espírito de agressão por parte do praticante, entre outros.

Outro fator a ser observado com relação às respostas é que um dos professores que não possuem curso superior em educação física sabe ao menos uma ordem básica de fatores a serem levados em conta na hora de começar uma atividade física, mesmo não tendo a formação acadêmica

relacionada à área. Ele segue uma ordem cientificamente correta na questão do aquecimento cardiovascular e alongamento, fato que pode se atribuir à alguma leitura específica feita, ou até mesmo à convivência com acadêmicos e pessoas do ramo da Educação Física, já que este é o mesmo entrevistado que anteriormente afirmou incentivar seus alunos a buscar a formação específica em Educação Física.

“Como o senhor estrutura as suas aulas nos quesitos aquecimento e preparação física?”

“R - Considerando que o Karatê é dividido em Desportivo e Marcial, na preparação para atividade desportiva procuro sempre uma atividade completa com foco primeiramente no aumento de temperatura corporal, elevação de frequência cardíaca, trabalho específico de aquecimento localizado (braços, pernas e tronco) seguido de um trabalho articular e finalizando com alongamento que começa moderado e pode (dependendo da atividade em aula) ter seu trabalho intensificado.”

Segundo FOSS (2000 p. 81), a movimentação articular prévia, o aquecimento com ativação cardiovascular e o alongamento são essenciais para evitar lesões, além de prepararem a estrutura corporal para um exercício mais vigoroso que está por vir. Além disso, o autor cita que devemos fazer a utilização do aquecimento em duas fases: geral e específica. Este fator foi detectado na resposta de um dos entrevistados graduados, que citou o “kata” como exemplo:

“ O aquecimento, para mim, é para preparar o corpo do aluno para uma atividade mais intensa, e depois a própria atividade do Karatê faz com que ela possa ser uma atividade física, desde que seja gradativa. “Por exemplo, para fazer um kata eu não preciso me aquecer com exercícios formais e genéricos, posso aquecer no kata mesmo, através da respiração, e da progressão do esforço.”

Isto nos permite observar que esse é um conceito provavelmente diretamente da formação específica em Educação Física, pois aplica-se a

vários outros ramos de atividade física que não o karatê, e nos é ensinado na graduação.

4.1 PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO KARATÊ

O karatê é reconhecido, desde sua origem, como um ótimo meio para o desenvolvimento pleno do ser humano, seja nos aspectos educativos e de formação do indivíduo (filosofia, princípios, etc.) ou como esporte, para que haja um benefício na qualidade de vida do praticante, desde que seja ensinado de forma correta e respeitando as limitações de cada praticante.

O modelo tradicional do ensino das artes marciais orientais tem como base uma prática rigidamente padronizada, desenvolvida de forma totalmente empírica. Este fato pode, por muitas vezes, impedir a criatividade e a vivência de novas experiências motoras que poderiam ser utilizadas para melhorar o nível de seus praticantes. O karatê, todavia, é uma modalidade que tem uma estrutura de progressão de conhecimentos definida (faixas, dans, etc.), e isso denota a caracterização do esporte enquanto formador de valores para o ser humano. Entende-se, portanto, que esse fator não deve e nem pode ser alterado para que não haja uma descaracterização da modalidade.

Um bom planejamento de aulas, a fim de se conciliar o conhecimento científico à modalidade, torna-se, portanto, essencial.

Citarei como exemplo também alguns autores provenientes do Judô, pois os princípios filosóficos e de ensino na relação professor-aluno são muito similares.

No livro Metodologia da participação, DELIBERADOR (1996) apresenta sua proposta aceitando essa estrutura básica de ensino, acrescentando um maior respeito aos anseios dos alunos, o que prioriza mais a individualidade de cada pessoa e seu estágio de desenvolvimento na modalidade.

Nas constatações de VARGAS NETO (1997, p.4-5) observa-se que em muito se parecem com as opiniões obtidas na entrevista realizada com os

professores de karatê, independente da formação do mesmo, já que o autor defende que deve prevalecer no ensino a contribuição na formação humana do praticante por meio desta arte. O autor também cita que o lado esportivo não deve só visar o rendimento, mas sim, preparar o praticante psicologicamente para a glória e para as frustrações do esporte e da vida.

JUNIOR (1999) critica o tratamento excessivamente técnico realizado por grande parte dos profissionais das artes marciais, e propõe um olhar mais crítico do aluno para que ele possa refletir sobre as utilidades de todos os conteúdos aprendidos na arte, em uma aplicação mais abrangente, no cotidiano do praticante.

Acredito na idéia de que o praticante vai ao seu local de treinamento para praticar o karatê porque lhe proporciona bem estar, portanto um treinamento tradicional (que muitas vezes é repetitivo, rígido e com metodologias ultrapassadas), não seria o meio mais efetivo para se atingir um objetivo final tão nobre. É nesse ponto que se encaixam as considerações feitas pelos autores citados nos parágrafos anteriores.

Segundo LUBES (1991, p. 42), a utilização de recursos lúdicos nas aulas pode ser uma estratégia muito interessante, pois muitas vezes é possível trabalhar questões essenciais para o karatê, tais como lateralidade, esquiva, atenção, visão periférica, etc. com uma simples brincadeira como, por exemplo, o “caçador”. E a brincadeira não tem idade, portanto deve se deixar de lado o preconceito em parecer infantil para que a integração entre os alunos também seja trabalhada, tornando o ambiente de treinamento mais agradável para todos. Para tal, a criatividade e a sensibilidade do professor em observar se essa nova atividade teve a aprovação dos alunos é essencial.

Logicamente, a parte técnica do karatê deve ser mantida para que não se perca os valores obtidos através dos tempos, na prática da modalidade, onde antigamente o guerreiro necessitava do foco da arte marcial para sua sobrevivência. Esta herança aportou diversos valores à prática desportiva, valores esses tais como a perseverança, respeito, lealdade, honra, entre

outros. Valores esses que como observamos nas respostas dos professores entrevistados, são o que diferenciam o karatê dos outros esportes.

Porém, nas metodologias de treinamentos dos atletas da modalidade, a aplicação de conceitos científicos seria muito benéfica, deixando o empirismo de lado e conciliando à modalidade os conceitos de Anatomia, Periodização, Fisiologia e Biomecânica, proporcionando uma melhoria no nível físico, psicológico, ergonômico e de treinamento dos praticantes. Estas variáveis contribuirão para a melhora da qualidade de vida, fator altamente realçado pelos professores na entrevista, e reforçará os princípios do mestre Funakoshi que afirma ser o karatê o aprimoramento do caráter através da prática física.

A partir disso, para se formar a idéia de construir uma nova proposta de ensino, vários fatores devem ser observados e vários pontos de vista podem ser levados em conta.

Para finalizar, de acordo com os professores entrevistados, a parte fundamental para que se consiga elaborar uma proposta diferente e eficaz para a metodologia de ensino do karatê, obtendo sucesso em toda a amplitude da modalidade, seria conciliar a parte filosófica (que somente com a experiência pratica pode ser adquirida), à uma metodologia científica, no que diz respeito aos treinamentos físicos, incorporando os conceitos da educação física à modalidade, sem que uma interfira no espaço da outra.

5.0 CONCLUSÃO

Após todas as considerações feitas, pesquisa literária, aplicação e análise das entrevistas estruturadas, verificou-se que o karatê sempre foi desenvolvido nesse tipo de estrutura de ensino, baseado na relação professor-aluno, e isso provavelmente será algo difícil de ser alterado, fato reforçado pelas respostas obtidas dos entrevistados.

Entretanto, nos dias atuais, já se pode observar uma abertura dos profissionais entrevistados ao profissional de Educação Física, o que facilitaria a implementação da metodologia sugerida no tópico anterior, composta por uma conciliação dos conteúdos existentes no karatê aos conhecimentos já produzidos na Educação Física.

Como observamos nas respostas, mesmo professores que não possuem formação específica na área, reconhecem a importância da mesma, o que culmina em uma valorização da profissão, surgindo como um ramo de trabalho interessante ao profissional que tiver interesse em praticar essa conciliação.

Por fim, concluímos que essa proposta metodológica de inclusão da educação física no karatê não tem como objetivo deturpar os conhecimentos já existentes na modalidade nem muito menos roubar espaço dos que nela já atuam, e sim, procurar obter uma otimização da performance dos atletas através de metodologias de treinamentos mais eficientes vindas dos profissionais da Educação Física, o que elevaria o nível físico, técnico e competitivo dos atletas, trazendo, certamente, um grande benefício para ambas as partes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALLEDONE, ANDRÉ L. **A formação da ética através da prática do karatê-dô.** , 1994. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná.

DELIBERADOR, A.P. **Judô: Metodologia da Participação.** Londrina: Lido, 1996.

FOSS, M.L.; KETAYIAN, S.J. **Bases Fisiológicas do Exercício e do Esporte.** 6ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2000.

FUNAKOSHI, GICHIN. **Karatê-Dô Nyumon.** São Paulo: CULTRIX, 1988.

HULLEMANN. **Medicina Esportiva Clínica e Prática.** São Paulo, EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

JUNIOR, O.C. **Uma proposta para o ensino do Judô sob a ótica crítico-superadora: dando os primeiros passos no Dojô.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis , volume 1, p.449-458, 1999.

LUBES, ALDO. **Caminho do Karatê.** Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1991.

MARINS, JOÃO CARLOS BOUZAS. **Avaliação e prescrição de atividade física: guia prático.** Rio de Janeiro: Editora Shape, 1998.

NAHAS, MARKUS VINICIUS. **Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida : conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo - 3ª edição revisada e atualizada.** Londrina: editora Midiograf, 2003.

NAKAYAMA, MASATOSHI. **Karatê Dinâmico.** São Paulo: CULTIX, 1966.

NAKAYAMA, MASATOSHI. **O melhor do karatê, vol. 1 a 5.** São Paulo: CULTIX, 1979.

NITOBÉ, INAZO. **Bushidô : Alma de samurai.** São Paulo: TAHYU, 2005.

PAULA, GERALDO GILBERTO DE. **Karatê: esporte: tática & estratégica.** São Paulo: IBRASA, 1996.

SANTOS, SÉRGIO L. C. **Propuesta de un modelo de gestión universitária para La atención a los niños en situación de riesgo social a través Del deporte en la ciudad de curitiba,** 1999-2000. 705 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Facultad de Pedagogía, Universidad de Barcelona, Barcelona.

SOARES, JOSÉ GRACIO GOMES. **Teoria e prática do karatê Wado-Ryu.** São Paulo: ÍCONE, 1998.

TOO, HENJI TSU. **Karatê Goju Riu.** São Paulo: CIA BRASIL, 1978.

VARGAS NETO, F. X. **Iniciação e especialização esportiva de crianças.** Ippon Judô, São Paulo, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTA ESTRUTURADA

NOME:

GRADUAÇÃO:

FORMAÇÃO ACADÊMICA:

LOCAL ONDE MINISTRA AULAS:

QUANTIDADE DE ALUNOS:

1. Como o senhor se iniciou na arte do karatê?
2. Quantos anos já tem como praticante? E como Instrutor?
3. Há quanto tempo é faixa-preta?
4. Quem foram seus mestres?
5. Possui formação acadêmica em Educação Física?
6. Na sua opinião, qual o maior benefício proporcionado pela prática do Karatê?
7. Como o senhor estrutura as suas aulas nos quesitos aquecimento e preparação física?
8. O senhor realiza um planejamento prévio de suas aulas? (Curto e Longo prazo)
Se sim, como ele é feito? Se não, quais seriam os motivos?
9. Como o senhor interpreta a ação dos profissionais de Educação Física nas Artes Marciais?
10. Pretende um dia obter formação acadêmica em Educação Física? Se sim, por quais motivos?

ANEXO 2 – ENTREVISTADO 1

NOME: Gilmarcos de Bastos

GRADUAÇÃO: Faixa-preta 5º Dan

FORMAÇÃO ACADÊMICA: 2º grau completo

LOCAL ONDE MINISTRA AULAS: Sociedade Morgenau; Aquacenter Batel; Colégio Decisivo (unidade Cristo Rei); Colégio Nossa Senhora do Rosário

QUANTIDADE DE ALUNOS: aproximadamente 130 alunos

1. Como o senhor se iniciou na arte do karatê?

R – Comecei com meu tio, ele tinha uma academia e eu treinava judô. Então pelo meu tipo físico eu achei que era mais adaptado para o karatê. Assim, comecei a treinar karatê e acabei mudando. Tudo isso com o Professor Silvério.

2. Quantos anos já tem como praticante? E como Instrutor?

R – De prática são 33 anos. Comecei a dar aula na faixa marrom, em 1980, e desde então se passaram 29 anos.

3. Há quanto tempo é faixa-preta?

R – Consegui a faixa preta em 1985, com 18 anos de idade.

4. Quem foram seus mestres?

R – Comecei com o professor Silvério, que me introduziu no caminho do karatê, me passando boa parte do karatê voltado à luta que sei hoje. Porém, quando o meu professor resolveu sair da Federação Paranaense eu resolvi ficar na entidade, me tornando um professor independente por um tempo, até encontrar meu atual professor Aldo Lubes, que foi quem me transmitiu mais conhecimento e me fez o lado do karatê que eu até então não tinha visto.

5. Possui formação acadêmica em Educação Física?

R – Não.

6. Na sua opinião, qual o maior benefício proporcionado pela prática do Karatê?

R – Na minha opinião, o maior benefício do karatê é a parte filosófica. No físico, podemos encontrar benefícios em outras modalidades, e o karatê oferece esse equilíbrio. Estando com a mente boa, você consegue os benefícios físicos. Mente e corpo trabalhando junto. Porém, isso é o que eu penso hoje em dia, quando eu comecei no karatê, minha maior motivação era a parte da luta, competições.

7. Como o senhor estrutura as suas aulas nos quesitos aquecimento e preparação física? E, em sua opinião, qual a importância da parte física na prática do karatê?

R – Hoje em dia mudei bastante. Talvez por causa dos cursos realizados e com o progresso atingido com cursos de extensão universitária, percebo que o aquecimento serve para o aluno não se machucar e não ter lesões. O alongamento para mim sempre foi muito importante, mas antigamente começávamos a aula em um ritmo muito forte, fazendo muito exercício e pouco alongamento, hoje em dia isso já é mais equilibrado. Outro fator diferente de antigamente é o fato de fazermos o alongamento no final da aula. Com relação à ingestão de líquidos (que na cultura do karatê antigo não existia), hoje já sabemos que é necessário durante o treinamento. Mas para os atletas, o físico é tudo, pois a técnica somente não é mais suficiente. Antigamente o regulamento ajudava quem tinha mais técnica e experiência, pois eram apenas dois pontos, porém hoje o físico ganhou muito mais importância, pois a luta é de oito pontos.

8. O senhor realiza um planejamento prévio de suas aulas? (Curto e Longo prazo)

Se sim, como ele é feito? Se não, quais seriam os motivos?

R – O planejamento existe. Faço um planejamento mensal de acordo com o que eu espero dos alunos, porém é complicado mesclar os planejamentos individuais, pois cada um tem objetivos diferentes. Por exemplo: em uma mesma turma existem alunos que são atletas de competição, e outros que treinam somente a parte marcial para o exame de faixa, e combinar tudo isso em uma mesma turma exige muito jogo de cintura. E hoje estamos buscando também para os atletas treinamentos separados, pois eles precisam mais.

9. Como o senhor interpreta a ação dos profissionais de Educação Física nas Artes Marciais, mais especificamente no karatê?

R – Eu acredito muito no profissional de educação física, ele realmente pode fazer muita diferença no treinamento dos alunos, desde que tenha uma larga experiência em uma arte marcial. O profissional que nunca fez karatê, que tenha uma experiência pequena, ele pode até ajudar o professor para acrescentar na qualidade da aula, mas se ele não possuir uma experiência maior como karateca, ele não conseguirá entrar no mercado, pois existem vários fatores (filosófico, marcial, etc). O treinamento de karatê para esse profissional é fundamental. Essas aulas de luta que tem na universidade servem somente para o aluno ver se ele gosta deste ramo, mas teria que procurar uma academia por fora, pois não há tempo suficiente para que se torne um atleta ou praticante que realmente entenda da modalidade. (em todas as modalidades que envolvam treinamento).

10. Pretende um dia obter formação acadêmica em Educação Física? Se sim, por quais motivos?

R – Muito. Hoje o motivo seria de satisfação, pois não tive oportunidade, tinha que treinar muito, trabalhei desde cedo. Quem sabe até ajudar no meu desenvolvimento como professor de karatê.

ANEXO 3 – ENTREVISTADO 2

NOME: EDSON CORREIA CAPINSKI

GRADUAÇÃO: 4º. Dan PELA FEDERAÇÃO PARANAENSE DE KARATÊ

FORMAÇÃO ACADÊMICA: Bacharel em Matemática e Bacharel em Administração de Empresas com Especialização em Comércio Exterior.

LOCAL ONDE MINISTRA AULAS: SOCIEDADE THALIA

QUANTIDADE DE ALUNOS: 30 diretos e 200 indiretos através da atuação de alunos graduados meus aos quais dou supervisão permanente.

1. Como o senhor se iniciou na arte do karatê?

R - Aos 11 anos, por iniciativa própria na busca de uma prática para aprendizado de defesa pessoal.

2. Quantos anos já tem como praticante? E como Instrutor?

R - 33 anos como praticante e 20 como instrutor.

3. Há quanto tempo é faixa-preta?

R - Pelo estilo há 21 anos e pela Federação Oficial há 14 anos.

4. Quem foram seus mestres?

R - Laertes Bufrem Pessoa, que foi quem me influenciou muito no meu conteúdo. Hiroshi Taúra, Oswaldo Yastaka Massaki, Michizo Buyo e Reinaldo Silva, que foi determinante para minha formação como faixa-preta.

5. Possui formação acadêmica em Educação Física?

R - Não.

6. Na sua opinião, qual o maior benefício proporcionado pela prática do Karatê?

R - Melhoria na qualidade de vida e a questão filosófica que está por trás de toda arte marcial.

7. Como o senhor estrutura as suas aulas nos quesitos aquecimento e preparação física?

R - Considerando que o Karatê é dividido em Desportivo e Marcial, na preparação para atividade desportiva procuro sempre uma atividade completa com foco primeiramente no aumento de temperatura corporal, elevação de frequência cardíaca, trabalho específico de aquecimento localizado (braços, pernas e tronco) seguido de um trabalho articular e finalizando com alongamento que começa moderado e pode (dependendo da atividade em aula) ter seu trabalho intensificado. Para o preparo Marcial, além do descrito acima foco também alguns exercícios de força física (agachamentos e flexões) e movimentos específicos da modalidade em velocidade mais baixa e nível de tensão menores que os habituais com gradativo aumento de dificuldade.

8. O senhor realiza um planejamento prévio de suas aulas? (Curto e Longo prazo)
Se sim, como ele é feito? Se não, quais seriam os motivos?

R - O planejamento de aulas é adequado ao calendário que prevê atividades desportivas a cada 2 meses e semestralmente (junho e dezembro) avaliação para passagem de faixa. Nas aulas que antecedem competições sempre foco o lado desportivo, logo após competições dou prioridade à marcialidade da modalidade.

9. Como o senhor interpreta a ação dos profissionais de Educação Física nas Artes Marciais?

R - Muito importante, é uma forma dos docentes em geral acompanharem os avanços técnicos e científicos, para suprir esta falta, uma vez que não possuo formação na área procuro além incentivar alunos que demonstram interesse em tornar-se instrutores a cursarem Educação Física, desta forma, me cerco de alunos acadêmicos e graduados com os quais frequentemente troco minha experiência prática pela acadêmica.

10. Pretende um dia obter formação acadêmica em Educação Física? Se sim, por quais motivos?

R - Não mais. Já pretendi, entretanto, minhas opções profissionais durante a vida apresentaram prioridades que me afastaram desse objetivo, hoje me considero com idade incompatível para essa atividade.

ANEXO 4 – ENTREVISTADO 3

NOME: Aldo Lubes

GRADUAÇÃO: Faixa-preta 8º Karatê / 4º Dan Judô

FORMAÇÃO ACADÊMICA: Curso Superior em Educação Física na UFPR/professor aposentado da UFPR

LOCAL ONDE MINISTRA AULAS: Academia Kodokan

QUANTIDADE DE ALUNOS: aproximadamente 50 alunos

1. Como o senhor se iniciou na arte do karatê?

R – Eu já era faixa preta de judô, então procurei uma arte marcial que pudesse me servir como complemento e fornecer esclarecimentos sobre os Atemi-Waza do judô.

2. Quantos anos já tem como praticante? E como Instrutor?

R – De prática desde 1965, e como comecei a dar aulas de judô junto, pois já era faixa-preta, sou instrutor desde a mesma época.

3. Há quanto tempo é faixa-preta?

R – Desde 1975 no karatê. No Judô, desde 1964.

4. Quem foram seus mestres?

R – No judô Minoru Kamada, e no karatê o primeiro foi o Celso Charuli e depois o Sensei Juichi Sagara.

5. Possui formação acadêmica em Educação Física?

R – Sim.

6. Na sua opinião, qual o maior benefício proporcionado pela prática do Karatê?

R – Independente da saúde que qualquer atividade física proporciona, o maior benefício é a parte filosófica da arte marcial, o Dô. Mas esse Dô eu descobri depois de muito tempo, no começo me interessava somente pela parte competitiva.

7. Como o senhor estrutura as suas aulas nos quesitos aquecimento e preparação física?

R – O aquecimento, para mim, é para preparar o corpo do aluno para uma atividade mais intensa, e depois a própria atividade do Karatê faz com que ela possa ser uma atividade física, desde que seja gradativa.

Por exemplo, para fazer um kata eu não preciso me aquecer com exercícios formais, posso me aquecer no kata mesmo, através da respiração, e da progressão do esforço.

8. O senhor realiza um planejamento prévio de suas aulas? (Curto e Longo prazo)

Se sim, como ele é feito? Se não, quais seriam os motivos?

R – Não planejo, pois minha academia não é um clube que prepara os alunos para uma competição específica, então não precisa de periodização. Aqui é um dojo em que os alunos são todos profissionais e vem aqui somente para aprender a modalidade, e não para se preparar uma competição. E para os atletas no Brasil também não é possível fazer uma periodização visando competições importantes com treinamento rigoroso, pois não é um esporte profissional, fica impossível planejar sem retorno financeiro para os atletas, pois todos tem outras atividades.

9. Como o senhor interpreta a ação dos profissionais de Educação Física nas Artes Marciais?

R - Interpreto como “curiosos”, pois as artes marciais não são realmente ministradas nas universidades, são apenas para mostrar que existem, mas não mostram nada mais profundo, nem existe tempo para isso. No máximo ocorre uma palestra de algum professor da área, e aí o formado de educação física fica sabendo que existe, mas não entende nada mais profundo sobre a arte.

10. Pretende um dia obter formação acadêmica em Educação Física? Se sim, por quais motivos?

R – Já sou formado.

ANEXO 5 – ENTREVISTADO 4

NOME: João Carlim Ferreira Padilha

GRADUAÇÃO: Faixa preta 4º Dan

FORMAÇÃO ACADÊMICA: Licenciatura plena em Educação Física

LOCAL ONDE MINISTRA AULAS: Prefeitura Municipal de Araucária

QUANTIDADE DE ALUNOS: aproximadamente 700 , pelo projeto da Prefeitura.

1. Como o senhor se iniciou na arte do karatê?

R – Com 15 anos, por incentivo da mídia. Em araucária, com o professor Nelson, que era aluno do Professor Reinaldo Silva.

2. Quantos anos já tem como praticante? E como Instrutor?

R – Como praticante são 25 anos. Como instrutor aproximadamente 15 anos.

3. Há quanto tempo é faixa-preta?

R – Desde 1998. São 11 anos.

4. Quem foram seus mestres?

R – Professor Nelson Kowalski, Professor Ivo Good, Sensei Aldo Lubes.

5. Possui formação acadêmica em Educação Física?

R – Sim, me formei em 2005.

6. Em sua opinião, qual o maior benefício proporcionado pela prática do Karatê?

R – A disciplina e toda a parte filosófica do karatê.

7. Como o senhor estrutura as suas aulas nos quesitos aquecimento e preparação física?

R – São de 10 a 15 minutos de aquecimento e alongamento. Nos treinos infantis, o aquecimento é feito sempre de forma lúdica, com muitas

brincadeiras, que faz com que a criança goste de praticar, através das brincadeiras. Primeiro devemos conquistar ela pelo lado lúdico, para depois passar a parte técnica. A preparação para atletas requer uma periodização e um planejamento que também tem uma parte lúdica, tentando sempre mudar o tipo de aquecimento e treinamento, utilizando métodos diferentes para conseguir o mesmo objetivo, para não ficar monótono, mas sempre com um objetivo definido dentro da periodização.

8. O senhor realiza um planejamento prévio de suas aulas? (Curto e Longo prazo)
Se sim, como ele é feito? Se não, quais seriam os motivos?

R – me baseio no calendário anual de competições. Dentro desse calendário, monto minha periodização de treinamentos, separando as competições principais e as intermediárias. Procuro sempre ter como objetivo as competições nacionais, as seletivas nacionais, e as competições internacionais. É importante periodizar principalmente para para as seletivas, pois não da para saber se o aluno ira se classificar para as competições internacionais. Se for classificado, muda a periodização para essa competição.

9. Como o senhor interpreta a ação dos profissionais de Educação Física nas Artes Marciais?

R – É fundamental. Na arte marcial, se reúnem varias faixas etárias na mesma aula, e se o professor não tem uma formação mais científica, pode causar lesão em alunos de idades diferentes. Sem essa formação, não tem como saber como os organismos podem funcionar de formas diferentes, dependendo do sexo, da idade, etc.

10. Pretende um dia obter formação acadêmica em Educação Física? Se sim, por quais motivos?

R – Já sou graduado em Educação Física, mas pretendo continuar com os estudos. No próximo ano, espero realizar uma pós-graduação na área de lutas.